

**Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)**

As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e a Competência no Desenvolvimento Humano 2



Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)

As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e
a Competência no Desenvolvimento Humano
2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|---|
| C569 | <p>As ciências humanas e sociais aplicadas e a competência no desenvolvimento humano 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (As ciências Humanas e Sociais Aplicadas e a Competência no Desenvolvimento Humano; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-515-0 DOI 10.22533/at.ed.150190607</p> <p>1. Antropologia. 2. Pluralismo cultural. 3. Sociologia. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco.</p> <p style="text-align: right;">CDD 301</p> |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Atena editora apresenta o e-book “Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: Competências no Desenvolvimento Humano”.

São ao todo noventa e três artigos dispostos em quatro volumes e dez seções.

No volume 1 apresentam-se artigos relacionados as temáticas *Estado e Democracia; Gênero: desigualdade e violência; Identidade e Cultura e Perspectivas teóricas e produção de conhecimento*. As seções descritas possibilitam o acesso a artigos que introduzem o tema central do e-book, através de pesquisas que abordam a formação social brasileira e como é possível identificar os reflexos desta na constituição do Estado, nos espaços de participação social, nas relações de gênero e constituição da identidade e cultura da população.

O volume 2 está organizado em três seções que apresentam relação e continuidade com o primeiro volume, em que são apresentadas pesquisas que trazem como objeto de estudo as políticas de saúde, de educação e de justiça e a relação destas com a perspectiva de cidadania.

Território e desenvolvimento regional: relações com as questões ambientais e culturais, é a seção que apresenta os artigos do volume 3 do e-book. São ao todo 18 artigos que possibilitam ao leitor o acesso a pesquisas realizadas em diferentes regiões do país e que apontam para a relação e especificidades existentes entre território, questões econômicas, estratégias de organização e meio ambiente e como estas acabam por interferir e definir nas questões culturais e desenvolvimento regional. São pesquisas que contribuem para o reconhecimento e democratização do acesso à riqueza da diversidade existente nas diversas regiões do Brasil.

Para finalizar, o volume 4 apresenta 23 artigos. Nestes, os autores elaboram pesquisas relacionadas a questão econômica, e como, as decisões tomadas neste campo refletem na produção de riqueza e nas possibilidades de acesso ao trabalho e renda. As pesquisas apontam também para estratégias identificadas a exemplo da organização de cooperativas, empreendedorismo, uso da tecnologia e a importância das políticas públicas.

As pesquisas apresentadas através dos artigos são de extrema relevância para as Ciências Humanas e para as Ciências Sociais Aplicadas, e contribuem para uma análise mais crítica e fundamentada dos processos formativos e das relações estabelecidas na atual forma de organização social, econômica e política.

Desejamos boa leitura e todos e a todas!!

Luciana Pavowski Franco Silvestre

SUMÁRIO

SAÚDE E CIDADANIA

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| (RE)ENCONTRANDO SENTIDO NOS (DES)ENCONTROS DA INTERNAÇÃO HOSPITALAR | |
| Henrique Carlos Santana Redman | |
| DOI 10.22533/at.ed.1501906071 | |
| CAPÍTULO 2 | 9 |
| A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA POLÍTICA DE REDUÇÃO DE DANOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CAPS AD | |
| Beatriz Holanda Macena | |
| Esequiel Pagnussat | |
| Herbênia Carmen de Lima Oliveira | |
| Isadora da Silva Rezende | |
| DOI 10.22533/at.ed.1501906072 | |
| CAPÍTULO 3 | 20 |
| A TRANSFORMAÇÃO DAS TECNOLOGIAS MÉDICAS E A ORGANIZAÇÃO DA MEDICINA COMO CIÊNCIA | |
| José Nilton Conserva de Arruda | |
| Marianne Sousa Barbosa | |
| DOI 10.22533/at.ed.1501906073 | |
| CAPÍTULO 4 | 31 |
| ANOMIA JURÍDICA ENQUANTO OBSTÁCULO AO DESENVOLVIMENTO DE EMPREENDIMENTOS SOCIAIS EM SAÚDE NO BRASIL | |
| Francisco Edmilson Dias Araújo | |
| Antonia Lourenny Epifanio Souza | |
| Francisco Fernando Dias da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.1501906074 | |
| CAPÍTULO 5 | 36 |
| TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL NO TRATAMENTO DOS TRANSTORNOS ESPECÍFICOS DE APRENDIZAGEM | |
| João Marcos Ferreira Gonçalves | |
| Eduardo Luiz Muniz Medeiros | |
| Ítalo Moreira Leite | |
| João Paulo de Paiva Ramos | |
| DOI 10.22533/at.ed.1501906075 | |
| CAPÍTULO 6 | 52 |
| PROJETO DE INTERVENÇÃO COLETIVA: PROPOSTA PARA FORMAÇÃO MÉDICA ATUAL | |
| Lucas Nunes Meireles | |
| Gabriela de Oliveira Carvalho | |
| Rafaela Lima Camargo | |
| Yolanda Schiavo Schettino de Oliveira Borges | |
| Roberta Mendes Von Randow | |
| Tatiana Vasques Camelo dos Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.1501906076 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 7 | 63 |
| POLIOMIELITE: O FIO DA NAVALHA | |
| Maria Cristina Baluta | |
| Dircéia Moreira | |
| DOI 10.22533/at.ed.1501906077 | |
| | |
| EDUCAÇÃO E CIDADANIA | |
| CAPÍTULO 8 | 70 |
| ESTUDAR E VIVER NO BRASIL: EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS | |
| Rubens da Silva Ferreira | |
| DOI 10.22533/at.ed.1501906078 | |
| CAPÍTULO 9 | 84 |
| EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E AS CONTRIBUIÇÕES DO CURSO PROESDE NA UNISUL | |
| Milene Pacheco Kindermann | |
| Rosiléia Rosa | |
| Ivana Marcomin | |
| Fátima Kamel Abed Deif Allah Mustafa | |
| Flávia Wagner | |
| DOI 10.22533/at.ed.1501906079 | |
| CAPÍTULO 10 | 95 |
| HABILIDADES SOCIAIS E SAÚDE MENTAL DE UNIVERSITÁRIOS DA FACIG, NOS CURSOS DA ÁREA DE EXATAS | |
| Iara Duarte Moreira | |
| Laís da Silva Huebra | |
| Juliana Santiago da Silva | |
| Márcio Rocha Damasceno | |
| DOI 10.22533/at.ed.15019060710 | |
| CAPÍTULO 11 | 106 |
| IMPORTÂNCIA DO PERFIL EMPREENDEDOR PARA OS GESTORES/COORDENADORES EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR | |
| Cristina Nunes Rocha | |
| Andréia Almeida Mendes | |
| Daniel José Rodrigues da Costa | |
| DOI 10.22533/at.ed.15019060711 | |
| CAPÍTULO 12 | 122 |
| METODOLOGIA IRDI NAS CRECHES: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA NA REDE PÚBLICA E PRIVADA | |
| Ana Paula Magosso Cavaggioni | |
| Michelle Cristine Tomaz de Oliveira | |
| Miria Benincasa | |
| DOI 10.22533/at.ed.15019060712 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 13 | 134 |
| POLÍTICAS PÚBLICAS DE EQUIDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE | |
| Cláudio Eduardo Resende Alves Magner Miranda de Souza Nilma Coelho | |
| DOI 10.22533/at.ed.15019060713 | |
| CAPÍTULO 14 | 148 |
| O PROCESSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL | |
| Ivana Alves Monnerat de Azevedo Mauriane Almeida Machado | |
| DOI 10.22533/at.ed.15019060714 | |
| CAPÍTULO 15 | 162 |
| GESTÃO DEMOCRÁTICA E O PROCESSO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL? | |
| Rosana Carla Gonçalves Gomes Cintra Anna Jéssica do Vale Bonamigo | |
| DOI 10.22533/at.ed.15019060715 | |
| CAPÍTULO 16 | 171 |
| PROGRAMA BOLSA PERMANÊNCIA COMO INSTRUMENTO INDISPENSÁVEL À DIGNIDADE HUMANA DE INDÍGENAS E QUILOMBOLAS | |
| Maíra Bogo Bruno Jaqueline de Paula e Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.15019060716 | |
| CAPÍTULO 17 | 182 |
| PERCEPÇÕES DE SUSTENTABILIDADE DOS ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL EM ATIVIDADES DE ROBÓTICA EDUCACIONAL | |
| Angel Pena Galvão Paulo Marcelo Pedroso Pereira Andrik Guimarães Ferreira Clayton André Santos Maia Aloisio Costa Barros Irley Monteiro Araújo Juarez Benedito da Silva Alan Christian da Silva Pinheiro Alan Cristian Martins Ribeiro Marcio Juvenal Cardoso Tapajós Eunice Raimunda Vinhote de Sousa | |
| DOI 10.22533/at.ed.15019060717 | |

JUSTIÇA E CIDADANIA

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 18 | 190 |
| A TECNOLOGIA DA LINGUAGEM JURÍDICA E A PARIDADE NO ACESSO À JUSTIÇA | |
| Diego Henrique Damasceno Coêlho Camila Braga Corrêa João Pedro Schuab Stangari Silva Luíza Carla Martins da Rocha Tuler Natália da Luz Mendes Rinara Coimbra de Moraes | |
| DOI 10.22533/at.ed.15019060718 | |
| CAPÍTULO 19 | 202 |
| ANTROPOLOGIA E DIREITOS HUMANOS: ALTERIDADE NO RECONHECIMENTO DE DIREITOS PARA POVOS INDÍGENAS | |
| Gabriel Moraes de Outeiro Durbens Martins Nascimento | |
| DOI 10.22533/at.ed.15019060719 | |
| CAPÍTULO 20 | 213 |
| CRIME DE VILIPÊNDIO: O DIREITO À MEMÓRIA DE PESSOAS FALECIDAS E SUA VIOLAÇÃO PELAS REDES SOCIAIS | |
| Lorena Almeida Vieira Rodrigo Oliveira Santana | |
| DOI 10.22533/at.ed.15019060720 | |
| CAPÍTULO 21 | 225 |
| O PSICODIAGNÓSTICO RORSCHACH COMO MÉTODO INVESTIGATIVO NA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE JOVENS QUE COMETERAM HOMICÍDIOS | |
| Ana Beatrice Colares Rocha Maria das Dores Carneiro Pinheiro Patrik Hilliard Silva dos Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.15019060721 | |
| CAPÍTULO 22 | 231 |
| TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): PERSPECTIVAS JURÍDICAS E SOCIAIS | |
| Camila Braga Corrêa Diego Henrique Damasceno Coêlho Bernardo Henrique Pereira Marcial Emmanuelle da Silva Viana Fábio da Costa Batista Gomes Julliana Victória Almeida Roberto João Pedro Schuab Stangari Silva Rinara Coimbra de Moraes | |
| DOI 10.22533/at.ed.15019060722 | |
| CAPÍTULO 23 | 243 |
| A DISSOLUÇÃO DA SOCIEDADE LIMITADA E AS QUOTAS GRAVADAS POR PENHOR: A BOA-FÉ COMO LIMITE DA REALIZAÇÃO DOS HAVERES NO EXERCÍCIO DO DIREITO DE RETIRADA | |
| Alicya Cordeiro Evangelista Pontes João Matias Costa Sobrinho Alessandro Barbosa de Menezes | |
| DOI 10.22533/at.ed.15019060723 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 24 | 248 |
| A TECNOLOGIA DA LINGUAGEM JURÍDICA E A PARIDADE NO ACESSO À JUSTIÇA | |
| Diego Henrique Damasceno Coêlho | |
| Camila Braga Corrêa | |
| João Pedro Schuab Stangari Silva | |
| Luíza Carla Martins da Rocha Tuler | |
| Natália da Luz Mendes | |
| Rinara Coimbra de Moraes | |
| DOI 10.22533/at.ed.15019060724 | |
| CAPÍTULO 25 | 260 |
| JUSTIÇA RESTAURATIVA, PRÁTICAS RESTAURATIVAS E CULTURA DA PAZ: PERSPECTIVAS PARA O PROCESSO REFLEXIVO SOBRE A IMPORTÂNCIA DOS DIREITOS HUMANOS | |
| Nei Alberto Salles Filho | |
| Daniele Cristina Bahniuk Mendes | |
| Thais Cristina dos Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.15019060725 | |
| SOBRE A ORGANIZADORA..... | 268 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 269 |

ESTUDAR E VIVER NO BRASIL: EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS

Rubens da Silva Ferreira

Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas.

Belém, Pará.

RESUMO: O trabalho tem como objetivo analisar a experiência de estudantes que migraram para o Brasil para obter titulação/diplomação universitária, no período 2010-2016. Esse processo é entendido como uma experiência migratória, à medida que permite o contato com outra cultura, informações e conhecimentos, dentro e fora das universidades brasileiras. No plano teórico o trabalho é orientado pela autonomia das migrações. Na dimensão empírica os dados foram obtidos por meio de questionários online e entrevistas realizadas com 35 estudantes estrangeiros, provenientes de países africanos, sul-americanos, europeus e centro-americanos. Os jovens provenientes dos países do Sul e constituem maioria entre as pessoas contatadas. Os resultados mostram que diferentes motivações influenciam a escolha pelo Brasil como país de destino. Ao lado dos demais migrantes, os estudantes estrangeiros revelam que enfrentam dificuldades e incertezas ao longo do projeto migratório, sobretudo pelo elevado custo de vida nas cidades em que residem e pelo desafio de construir uma nova

rede de apoio. De um modo geral, as pessoas contatadas sentem-se bastante satisfeitas com a experiência vivida no Brasil, percebendo a si próprias como diferentes em suas identidades, subjetividades e modos de ser após o tempo de estudo e de convívio com os brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE: Migrações. Estudantes estrangeiros. Universidades brasileiras.

TO STUDY AND TO LIVE IN BRAZIL: EXPERIENCES OF FOREIGN STUDENTS

ABSTRACT: The objective of this study is to analyze the experience of students who migrated to Brazil to obtain university degrees in 2010-2016. This process is understood as a migratory experience, as it allows contact with another culture, information and knowledge, inside and outside the Brazilian universities. At the theoretical level the work is guided by the autonomy of the migrations. In the empirical dimension, the data were obtained through online questionnaires and interviews with 35 foreign students from African, South American, European and Central American countries. The young people come from the countries of the Global South constitute majority among the people contacted. The results show that different motivations influence the choice of Brazil as destination country. Along with the

other migrants, foreign students reveal that they face difficulties and uncertainties throughout the migratory project, mainly because of the high cost of living in the cities where they live and the challenge of building a new support network. In general, the people contacted are very satisfied with the experience lived in Brazil, perceiving themselves as different people in their identities, subjectivities and ways of being after the time of study and socializing with Brazilians.

KEYWORDS: Migrations. Foreign students. Brazilian Universities.

1 | INTRODUÇÃO

No amplo panorama internacional da mobilidade humana, as migrações de estudantes são menos expressivas quando comparadas ao movimento produzido pelos demais migrantes. Enquanto o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR, 2014) fala de mais de 59,5 milhões de pessoas vivendo fora do país de origem, cifra esta muito superior ao que se teve após a Segunda Guerra Mundial, pesquisa da *University of Oxford* (2015) revela que, em 2014, os estudantes estrangeiros somavam cerca de 5 milhões de pessoas dispersas em países do Norte e do Sul. A Unesco (ALTBACH; REISBERG; RUMBLEY, 2009), por sua vez, calcula que até 2020 haverá uma população aproximada de 7 milhões de estudantes vivendo fora do país de origem..

Como tendência global em expansão crescente, as migrações de estudantes aparecem nas pesquisas acadêmicas como mobilidade estudantil, internacionalização da educação, migração qualificada ou *brain drain*. Neste estudo, porém, faz-se referência a esse tipo de mobilidade internacional de acordo com uma produção acadêmica incipiente, inclusive no Brasil, mas que vem ganhando destaque crescente na academia nas últimas décadas deste século. Autores como Castles (2000), Gomes (2002), Gusmão (2012a, 2012b), Subuhana (2007), Almeida (2014) e Ojima *et al.* (2014), por exemplo, falam em migrações de estudantes ou migrações estudantis, muito embora hesitem referir-se a essa população como migrante, classificando-a em alguns momentos como migrantes temporários. Como será visto oportunamente e conforme a teoria mobilizada, esses jovens são representados aqui pela categoria *migrante*; todavia, sem deixar de levar em consideração os elementos que os particularizam na condição de viver em outro país, em outra cultura, ou, como diz Gomes (2002), na “terra dos outros”.

Feitos esses primeiros esclarecimentos, este trabalho tem como objetivo analisar a experiência de estudantes que migraram para o Brasil em busca de titulação/diplomação universitária, precisamente no período 2010-2016. No plano teórico, o trabalho é orientado pela abordagem da *autonomia das migrações* que, inspirada nas teses de autores operaístas e pós-operaístas, ressignifica e crítica positivamente o conceito de *fuga*, a fim de vislumbrar o migrante em seu protagonismo político. Nessa abordagem, o próprio conceito de migrante expande-se para dar conta dos

indivíduos que, movidos por fatores objetivos e subjetivos, anualmente deixam o país de origem em busca de novos possíveis, incluindo aqueles que migram para realizar o desejo da diplomação/titulação no exterior.

Na dimensão empírica, os dados aqui apresentados foram obtidos com a colaboração de 35 estudantes estrangeiros, dos quais 18 são homens e 17 são mulheres. Esses jovens são provenientes de países africanos (Angola; Benin; Cabo Verde; Gana; Guiné-Bissau; Moçambique; República Democrática do Congo; São Tomé e Príncipe; e Togo), sul-americanos (Argentina; Chile; Colômbia; Peru; Uruguai; e Venezuela), europeus (França e Itália), centro-americanos (Costa Rica e Haiti). Eles foram contatados pela técnica *snowball* (VINUTO, 2014), aplicada às comunidades virtuais de migrantes e/ou de estudantes mantidas no *Facebook*. O uso do questionário *online* e de entrevistas combinado à Análise de Conteúdo (AC) (BARDIN, 2016) ajudou a conhecer as motivações que sustentam esse tipo de projeto migratório, permitindo acessar também as percepções desses jovens sobre a experiência de viver e de estudar em cidades brasileiras, precipuamente em um processo que mescla aprendizados, dificuldades, conquistas e produção de diferenças.

2 | O ENFOQUE TEÓRICO: A AUTONOMIA DAS MIGRAÇÕES

A ideia de produzir uma pesquisa sobre estudantes estrangeiros no Brasil surgiu de reflexões sobre a experiência biográfica vivida pelo autor deste trabalho. Em 2008, quando estudante em Madri, foi experimentado um processo intenso de troca de informações e conhecimentos sobre a preservação do patrimônio documental e bibliográfico espanhol, lá compartilhando também o conhecimento levado sobre a realidade brasileira. Àquela época, o convívio com estudantes argentinos, bolivianos, costarriquenhos, cubanos, equatorianos, guatemaltecos, guinéu-equatorianos, paraguaios, peruanos, uruguaios, venezuelanos e com indivíduos da sociedade local permitiu o compartilhamento de costumes, hábitos e de um saber prático, resultando em um processo de produção de diferença não somente no autor, como também nas pessoas do convívio imediato. No dia a dia, essas trocas envolveram um aprendizado espontâneo e informal sobre os países daqueles estudantes, e, em contrapartida, ofereceram a eles a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o Brasil e os brasileiros, inclusive sobre o que é visto como um modo afetivo de ser dessa população sul-americana, tal como ensina Rezende (2009) sobre a forma como ela é vista aos olhos dos estrangeiros.

Em 2013, por ocasião do doutoramento em Ciência da Informação pelo convênio entre Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o autor experimentou novamente a condição de ser estrangeiro (migrante interno), agora em seu próprio país. A questão “De onde você é?” era uma constante nas interações sociais com os cariocas,

manifesta dentro e fora da universidade, nos espaços de sociabilidade ampla e privada, bem como nos círculos sociais pelos quais transitava nas Zonas Norte, Oeste e Sul. Entre os locais, o modo de falar e as características físicas evocavam sempre certa “estrangeiridade”, razão pela qual a identidade era frequentemente posta em situação de contraste (OLIVEIRA, 1976). Percebeu-se, então, que essa experiência encontrava similaridade com a de alguns estudantes estrangeiros com os quais se dialogava na cidade do Rio de Janeiro, o que acabou por inspirar este estudo sobre os sentidos de estudar e de viver no Brasil, notadamente dos jovens que se colocavam à prova em uma vivência internacional designada por Daniel (2016) como experiência migratória.

O contato com as teorizações da *autonomia das migrações* permitiu entender melhor os estudantes estrangeiros como migrantes. Na obra *Derecho de fuga*, Mezzadra (2005), sustentado nos estudos de Stephen Castles, contempla o fenômeno migratório em suas múltiplas motivações, indo além da perspectiva dos estudos *mainstream* que concebem o migrante unicamente como força de trabalho em movimento. Para esse autor, mais do que simples fatores objetivos, o ato de migrar também comporta fatores subjetivos importantes, os quais são negligenciados nas abordagens tradicionais. Fala-se, assim, das motivações orientadas pelo desejo de uma vida afetiva, da diplomação universitária e da vontade de viver em um país com estilo de vida mais compatível, entre outras razões. E nas situações mais críticas, como aquelas que afetam os refugiados, as pessoas migram para lutar pela própria vida e pelo direito à liberdade fora de uma nação que as oprime (CASTLES, 2000; MEZZADRA, 2005, 2012). Com efeito, ao lado de Castles, Mezzadra (2005) alerta para a necessidade acadêmica de repensar os conceitos de migração e de migrante na contemporaneidade, haja vista que no século XXI eles assumem novas feições e sentidos

Na produção de Mezzadra (2005), o termo migrante é empregado como um grande guarda-chuva, razão pela qual inclui a diversidade das pessoas que deixam o país de origem em busca da liberdade. Essa saída é vista por ele como um ato político que, em seus escritos e conferências, aparece representado pelo conceito positivado de fuga; isto é, a evasão da nação como um direito, sobretudo quando ela não oferece condições para que as pessoas possam viver e exercer o direito à educação, à saúde, à segurança, à paz, e mesmo o direito à liberdade. Nessa perspectiva, a fuga emerge como a recusa a uma forma de existência limitante e imobilizante, precariamente assistida (ou desassistida), super explorada e desumana. Enquanto a legislação migratória de diferentes países e documentos oficiais de organismos multilaterais utilizam terminologias que segregam as pessoas que migram em tipos bem específicos, centrifugando-as entre as que merecem acolhimento, proteção legal, comoção social ou mesmo tratamento diplomático diferenciado, Mezzadra (2005) as reúne em uma única categoria, analisando-as independente das motivações que as levaram a deixar o país de origem.

É no quadro de referência apresentado acima que os estudantes estrangeiros podem ser pensados como migrantes em sentido *lato*. Pois, se o tempo de residência é um critério a ser levando em consideração para definir o migrante, Castles (2000) diz que ele está longe de ser objetivo, uma vez que varia conforme a legislação migratória de cada país. É assim que Castles (2000, p. 270, grifo nosso, tradução livre) observa que:

Migração significa o estabelecimento de residência por um determinado período, mínimo de seis meses, digamos, ou um ano. A maioria dos países tem um número variado de categorias em suas políticas de migração e estatísticas. Por exemplo, a Austrália faz uma distinção entre imigrantes permanentes e imigrantes temporários de longo prazo, que permanecem pelo menos 12 meses, normalmente para trabalho, negócios ou **educação**.

Logo, é possível referir-se aos estudantes estrangeiros como migrantes temporários, migrantes estudantis ou simplesmente como migrantes. Não apenas porque eles estão sujeitos à ritualística documental e processual necessária à obtenção ou à renovação do visto, tal como os demais migrantes, mas porque entre os jovens contatados há pessoas que já residem há mais de oito anos no Brasil, o que as torna migrantes de fato.

Considera-se, ainda, que esses jovens estão em contato íntimo, contínuo e intenso com a sociedade de acolhida, experimentando a cultura, os valores, as crenças, os costumes e as normas sociais que orientam a vida dos brasileiros. Um contato suficientemente significativo para desencadear algum tipo de diferenciação nas identidades e nas subjetividades desses estudantes, muito além do que uma simples viagem pode produzir no turista durante a breve estadia em outro país. Ademais, a passagem da condição de estudante a migrante de direito depende do grau de identificação com o país de acolhida, bem como das perspectivas que surgem no horizonte de possibilidades desses jovens. Assim, ficar ou partir são as duas faces da condição migrante, sempre condicionadas às realidades existentes na sociedade de recepção ou no país de origem. Por conseguinte, há que se ver o que revelam os estudantes estrangeiros sobre as experiências vividas ao longo da formação universitária no Brasil.

3 | SENTIDOS DE ESTUDAR E VIVER NO BRASIL

Os 35 estudantes que formam o grupo contatado para estudo são provenientes de 19 países, distribuídos em diferentes continentes e regiões. Têm-se, desse modo, jovens adultos com idade entre 20 e 42 anos, originários/as do/a: a) África: Angola, Benin, Cabo Verde, Gana, Guiné-Bissau, Moçambique, República Democrática do Congo, São Tomé e Príncipe, e Togo; b) América Central: Costa Rica e Haiti; c) América do Sul: Argentina, Chile, Colômbia, Peru, Uruguai e Venezuela; e d) Europa: França e Itália. À exceção da Itália, verifica-se que os demais países possuem acordos

de cooperação educacional e científico-tecnológica com o Brasil, precisamente por meio de programas como o Programa de Estudantes – Convênio de Graduação (PEC-G), o Programa de Estudantes – Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG) e o Programa de Intercâmbio Brasil/França Agricultura (Capes/Brafagri).

Entre os jovens contatados existe maior presença de estudantes originários de países africanos (48%) e latinos (43%). Esses dados convergem para pesquisas como a de Subuhana (2007), Ojima *et al.* (2014) e Daniel (2016), que registram o destaque desses grupos nas universidades públicas brasileiras. Tal como pontuam esses autores, constatou-se que os estudantes são atraídos principalmente pelo acesso gratuito ao ensino superior no Brasil, com ingressos viabilizados, sobretudo, pelo PEC-G e pelo PEC-PG. Essa representatividade africana e latina tem se mostrado regular entre os anos 2010-2015, de forma que, dos 58 países beneficiados por esses programas, os maiores fluxos de estudantes estrangeiros para os cursos de graduação provêm, respectivamente, de Cabo Verde (2.933), Guiné-Bissau (1.336), Angola (721), Paraguai (678), Peru (199) e Equador (194). Na pós-graduação esse destaque sofre inversão, ficando por conta dos estudantes de origem latina, originários de países como Colômbia (5.653), Peru (3.066), Argentina (764) e Chile (613), seguidos por países da África como Moçambique (704), Angola (284), Cabo Verde (189) e Guiné-Bissau (118), o que se registra de acordo com dados fornecidos pela Capes para o período 2010-2016 (FERREIRA, 2017).

Uma questão importante levantada pela pesquisa diz respeito aos fatores motivacionais que sustentam/sustentaram a vinda dos estudantes estrangeiros para viver e estudar no Brasil. Com base nas repostas obtidas nos questionários *online* nas entrevistas, as motivações desses jovens são diversificadas, podendo ser representadas, grosso modo, pelas seguintes categorias construídas pela técnica da AC: motivações de base afetiva (relacionas ao Brasil, aos brasileiros ou ao cônjuge); motivações com base nas relações pessoais (influência de parentes, amigos e/ou professores); motivações de base cultural (interesse na língua portuguesa, na gastronomia, na música e nas expressões culturais do Brasil); motivações de base acadêmica (obtenção de diplomação/titulação no exterior); e motivações com base no desejo de liberdade (busca de autonomia e/ou vivência em outro país). De fato, observa-se que essas motivações não são excludentes entre si, combinando-se frequentemente às de ordem acadêmica para evidenciar o caráter multimotivacional do fenômeno

Para algumas pessoas contatadas, no entanto, as razões que as trouxeram às cidades brasileiras não aparecem de modo claramente definido, a não ser a pela simples vontade de sair para outro país, tal como analisa Mezzadra (2012) sobre a experiência migrante. Esses casos específicos foram associados às motivações explicadas pelo desejo de liberdade, isto é, de viver a mobilidade a qualquer preço, o que converge para as teses da autonomia das migrações. Os dados recolhidos entre os colaboradores mostram que motivações dessa ordem aparecem, sobretudo,

entre os de origem africana. Entende-se, nessa direção, que migrar para estudar pode corresponder a uma *fuga*, tal como no sentido empregado por Mezzadra. Entre outras possibilidades explicativas, ela corresponde a uma recusa ao modelo de ensino vigente no país de origem, ou à inconformidade com as condições de acesso aos cursos de graduação e/ou pós-graduação que lá existem. Sob outra ótica, a fuga emerge também como estratégia pessoal para viver a vida com mais autonomia, longe do controle e do olhar vigilante da família, bem como a resistência a um modo de ser e de viver imposto pela nação que não corresponde às expectativas desses jovens.

Em relação aos cursos universitários, verifica-se que do total de pessoas contatadas, 23 frequentaram universidades no país de origem antes da vinda para o Brasil, muito embora alguns tenham migrado sem tê-los completado. Por sua vez, 12 jovens viajaram para obter o primeiro diploma universitário em instituições de ensino superior brasileiras. De um modo geral, eles escolheram estudar em universidades brasileiras com oferta de cursos de graduação que não existem no país de origem. Motivação similar também impulsionou a vinda dos que procuraram pela pós-graduação (mestrado e doutorado).

Em relação aos cursos, os estudantes contatados estão distribuídos em oito grandes áreas do conhecimento. Elas estão representadas tanto na Tabela da Capes quanto do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Assim, foram identificados estudantes matriculados em cursos da grande área das Ciências Sociais Aplicadas, das Ciências Exatas e da Terra, das Ciências Biológicas, das Ciências Humanas, das Ciências da Saúde, das Engenharias, da Linguística, Letras e Artes e em área Interdisciplinar.

Precisamente os cursos frequentados pelos colaboradores correspondem ao que registram relatórios internacionais quanto às escolhas para a diplomação/titulação no exterior. De acordo com a *International Organization for Migration* (IOM) (2015) e a *Quacquarelli Symond* (QS) (2014), cursos ligados à gestão (economia, finanças, administração, etc.) e à ciência (matemática, tecnologia, engenharia, etc.) são os que mais atraem estudantes estrangeiros para as universidades de prestígio nos países do Norte. Cotejando essa informação com a Tabela da Capes e do CNPq, essas grandes áreas correspondem exatamente às Ciências Sociais Aplicadas e às Ciências Exatas e da Terra, nas quais encontra-se ou encontrava-se matriculada a maioria dos estudantes contatados. Por conseguinte, no panorama das migrações internacionais para estudo no Brasil ou em outros países, verifica-se que algumas áreas do conhecimento têm sido priorizadas nas escolhas desses migrantes, seja nos termos de uma realização pessoal e/ou profissional, seja quanto ao que analisam como ofertas promissoras para o mercado de trabalho na terra de origem, ou mesmo em outro país.

Ainda que as migrações para estudo suscitem a ideia equivocada de uma experiência migratória mais “fácil” quando comparada a dos demais migrantes,

sobretudo em função do *status* desses jovens na sociedade de recepção, elas também envolvem dificuldades diversas que não são menos sentidas do ponto de vista emocional. Foi nessa direção que os contatados falaram das incertezas e dos obstáculos enfrentados ao longo do projeto migratório, em especial pelo elevado custo de vida nas cidades brasileiras em que residem, sobretudo pelo desafio de construir uma nova rede de apoio longe da terra natal. Ademais, a experiência de alguns desses jovens mostrou-se atravessada pela discriminação, vivida por eles ou pelos compatriotas, à medida que descobriram a existência de um “racismo à brasileira” carregado de sutilezas (FRY, 2005), por isto difícil de ser percebido por quem o experimenta.

O custo de vida aparece nas falas dos contatados como a principal dificuldade enfrentada no Brasil, especialmente para os que residem em metrópoles brasileiras como São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ). Quase metade desses jovens vive com renda de até dois salários mínimos. Os que estavam matriculados em cursos de pós-graduação viviam com um pouco mais de conforto, uma vez que as bolsas de mestrado e de doutorado eram complementadas pelas remessas feitas pelos familiares e pela realização de pequenos trabalhos autônomos. Ainda assim, foram encontrados dois jovens de cursos de graduação vivendo com renda mensal inferior a um salário mínimo, sendo um guineense que estudava em Recife (R\$ 600,00) e um angolano que estudava em Belém (R\$ 750,00). Na cidade do Rio de Janeiro teve-se acesso a uma estudante peruana de mestrado que vivia com restrições financeiras. Como ela mesma relata:

[...] Eu mantinha a minha casa porque meu pai não tinha uma presença. Então eu assumi isso, essa presença. E aqui, por mais que eu me esforcei, eu procurei muita coisa [...] [ao refletir sobre as dificuldades que tem enfrentado no Brasil, a estudante se comove e tenta encorajá-la]. Eu até me cansei de procurar. Isso afeta muito a minha autoestima [...]. Minha irmã manda algum dinheiro [...] e isso tudo ajuda. Ajuda muito [...]. É muito caro aqui [...]. Sem bolsa não tenho como fazer doutorado aqui [...] (Entrevista, 25 nov. 2016).

Situações de preconceito e de discriminação foram apenas ligeiramente mencionadas pelos estudantes. Os contatados disseram que os brasileiros são acolhedores e preconceituosos ao mesmo tempo. Migrantes estudantis de países africanos, por exemplo, manifestaram bastante incômodo com as referências feitas à África pelos professores, pelos colegas de curso e pela mídia, notadamente quando se referiam a esse continente como um lugar de barbárie e de extrema pobreza. Isso fazia com que os estudantes estrangeiros se esforçassem para mostrar outras visões sobre os países africanos, isto é, como a terra vivida, sentida e intimamente conhecida por eles. Na mesma direção, um estudante boliviano de doutorado disse que as imagens que a sociedade brasileira tem do país e dos compatriotas dele é bastante negativa, sobretudo pela associação ao narcotráfico. Não é para menos que a estudante peruana anteriormente citada faz a seguinte observação sobre os brasileiros representados pela figura do carioca:

[...] Acho que o Rio de Janeiro é muito [a estudante não encontra a palavra que gostaria de usar para se expressar sobre os cariocas] [...]. Eles te olham e [...]. Tem um livro que diz que, no Brasil, as pessoas estrangeiras ou migrantes são discriminadas por três fatores. Um, se o país de onde você vem é um país pobre. Dois, pela aparência física das pessoas. E, três, pelo que a pessoa faz. Eu sou de um país considerado pobre pelos brasileiros. Tenho uma aparência que consideram indígena. Mas eu não sou indígena. Eu sou *chola!* [...]. Nós somos mestiços. Somos filhos de espanhóis com indígenas [...]. É diferente. E eu não estou vendendo nada aqui. Talvez por isso eu não seja tão discriminada como os companheiros do meu país. Eu tô estudando. Mas quando eu vou a algum lugar e as pessoas não me conhecem, elas perguntam: - Ah! Quando você vai vender na Uruguaiana? [...]. Perguntaram isso uma vez. Um homem se aproximou de mim no metrô e perguntou: - Ah! Quando você vai vender na Uruguaiana? Perguntaram se sou indígena, de qual tribo [...] (Entrevista, 25 de nov. 2016).

Todos esses estereótipos negativos sobre o país de origem dos estudantes migrantes, sobre os próprios estudantes e os compatriotas deles só são superados quando esses jovens compartilham informações e conhecimentos com os brasileiros. Dentro e fora das universidades, cotidianamente eles tentam revelar aos nacionais os costumes, as tradições e as belezas da terra natal, por vezes recorrendo às fotografias que trouxeram na bagagem.

Em contrapartida, é no convívio diário e intenso com a sociedade de recepção que os estudantes migrantes desconstróem estereótipos positivos tão exaltados pelos brasileiros. Nessas representações internacionalmente difundidas, os nacionais são retratados como indivíduos abertos às diferenças, tolerantes e afetos aos estrangeiros. Durante os jogos Olímpicos realizados no Brasil, em 2016, essa imagem positiva dos brasileiros foi bastante exaltada na grande mídia e nos discursos das autoridades desportivas, sendo sintetizada, sobretudo, na figura do “carioca”. Todavia, dos estudantes estrangeiros contatados que viviam na cidade do Rio de Janeiro ouviu-se menções negativas sobre o modo de ser dos locais, às vezes considerados “superficiais” e “pouco interessados pelo outro”, tal como foi mencionado em questionário por uma estudante italiana de doutorado.

Todavia, em que pesem as dificuldades enfrentadas em terras brasileiras, os estudantes contatados mostraram-se bastante satisfeitos com a experiência vivida nas cidades em que residiram e estudaram. Os dados mostram que durante os anos de estudo o contato com os brasileiros e o sucesso na diplomação/titulação acabam por suplantar todas as dificuldades enfrentadas. Perguntados sobre a experiência de estudar no Brasil, os jovens migrantes mencionaram a qualidade do ensino superior e do corpo docente das universidades públicas federais, tal como pode ser observado nas falas que seguem:

Mestranda peruana (27 anos): “[...] No nível latino-americano, o Brasil mostrou-se um país de referência na Comunicação, passando pelas pesquisas especializadas, os professores qualificados, as bolsas de estudos e a gratuidade dos estudos [...]” (Questionário 16/2016);

Doutoranda uruguaia (35 anos): “[...] No Uruguai não há doutoramento em Biologia Computacional e, especialmente, eu vim porque queria ser orientada

particularmente por um pesquisador que reside aqui [...]” (Questionário 8/2016); e

Doutorando peruano (30 anos): “A diferença com a universidade onde me formei [Peru] é a visão de ensino para produção científica, que aqui no Brasil é muito maior [...] e incentiva muito para produzir. Isso porque a competição é forte para uma vaga de trabalho. No doutorado tem professores muito qualificados, que não só te incentivam à produção científica senão também para ganhar experiência na parte acadêmica, ensinando e ganhando experiências em horas de aulas” (Entrevista, 20 set. 2016).

Mais do que o contato com o conhecimento explícito acessado nas universidades brasileiras, os estudantes migrantes entraram em contato com outras formas de conhecimento. Trata-se de um conteúdo cognitivo de ordem prática, fundado no aprendizado orientado para a vida. Em potência, esse conhecimento informal (tácito) é levado com esses jovens no retorno ao país de origem, ou mesmo para outros destinos internacionais, independente de serem utilizados ou não no futuro. É possível falar, então, do resultado do encontro com uma nova sociedade e cultura, capaz de alterar as subjetividades desses estudantes migrantes. É nessa direção que Mezzadra (2005, 2012) fala dos efeitos da experiência migratória para aqueles que atravessam as fronteiras internacionais. Efeitos esses que repercutem não somente nos modos de pensar, nos hábitos e no comportamento, mas também nas identidades. Por conseguinte, neste estudo não se admite uma perda da identidade, mas um processo incessante pelo qual estudantes e demais migrantes se modificam na vivência da alteridade, ou seja, no encontro com as diferenças, com o outro.

De um modo geral, as mudanças experimentadas pelos estudantes estrangeiros dizem respeito às ideias, aos conhecimentos e aos afetos que trouxeram com eles do/e sobre o país de origem, sobre os compatriotas e sobre si mesmos. O exemplo mais emblemático desse processo de mudança vem de um colaborador peruano, graduado em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Em entrevista, ele se autorrefere como um “brasileiro dos Andes”, tal foi a intensidade do convívio com os brasileiros na capital paulista, o que remete esse migrante à hipótese de Hall (2011) acerca das identidades híbridas em tempos de globalização.

Embora não tenha sido tarefa fácil para os estudantes contatados refletirem sobre o modo como foram afetados pelos nacionais durante a experiência migratória vivida no Brasil, todos admitiram algum tipo de diferença. A esse respeito, elementos de diferenciação podem ser identificados nas seguintes falas:

Mestranda argentina (42 anos): “[...] Aprendi e aprendo muito no meu contato com os brasileiros. Na vida cotidiana, na alimentação, novos sabores, na língua, na cultura e na diversidade, na alegria, entre outros [...]” (Questionário 21/2016);

Doutoranda cabo-verdiana (27 anos): “[...] Aprendi principalmente da diversidade regional, musical e gastronômica do país. Isto é, dos diferentes sotaques e falas regionais (“Égua!”, por exemplo), do prazer de escutar ritmos como o samba ou o carimbó, do gosto do açai [*Euterpe oleracea* Mart.], do tacacá e da tapioca. Igualmente aprendi sobre o respeito que se tem aqui por religiões

como o Santo Daime, a União do Vegetal e as afrobrasileiras [...]” (Questionário 7/2016);

Graduanda francesa (22 anos): “[...] Aprendia todo dia alguma coisa: palavras, gírias, músicas, comida [...]. Aprendi (e continuei a aprender) a ter mais paciência, a comunicar com uma língua diferente, a ser mais compreensiva, a aceitar de não entender tudo, a não ter preconceitos de outras pessoas, a aceitar as diferenças [...]. E ainda muitas outras coisas [...]” (Questionário 31/2016);

Graduando colombiano (32 anos): “[...] Hábitos, ideias, valores... sou uma pessoa de mente mais aberta. Eu era mais conservador [...]” (Questionário 11/2016); e

Mestranda peruana (27 anos): “[...] Eu aprendi muito sobre sua cultura, quais são os tipos de comida, seu folclore, suas danças, suas festas e o jeito deles de se relacionar no cotidiano. No âmbito acadêmico, aprendi que não há escalas hierárquicas entre alunos e professores. Aprendi que toda pergunta é bem-vinda e ninguém vai me julgar por fazê-la [...]” (Questionário 34/2016).

Vê-se, assim, que o projeto de estudar e de viver no Brasil apresenta-se como uma experiência rica para o conjunto dos estudantes contatados. Como eles destacaram, muitos são os aspectos positivos percebidos durante vivência construída dentro e fora das universidades, tal como as atitudes e os comportamentos que dizem ter adquirido pelo contato com os brasileiros, com potencial para repercutir na forma como se relacionarão com outras pessoas. Assim, juntamente com a certificação dos conhecimentos técnico-científicos construídos nas universidades, esses jovens levam uma bagagem cultural, informacional, cognitiva e afetiva capaz de ampliar as habilidades linguísticas e sociais para o mercado de trabalho, quer no país de origem ou em qualquer outra nação para a qual pretendam migrar em busca de trabalho ou de nova diplomação/titulação.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi visto que a experiência de estudar e de viver no Brasil leva os estudantes estrangeiros a se autoperceberem como pessoas diferentes do eram, o que foi possível pelo contato com a sociedade de recepção. Essa diferença ocorre mediante um processo pelo qual esses jovens selecionam certos aspectos positivos dos modos de ser e de viver dos brasileiros com os quais se identificam e reconhecem como úteis para a vida, quer do ponto de vista pessoal ou profissional. Somado aos conhecimentos construídos no ambiente das universidades – avaliadas como instituições provedoras de cursos e corpo docente de qualidade –, o conhecimento de natureza prática contribui para que os estudantes migrantes valorizem positivamente as experiências vividas no Brasil.

O foco no projeto de diplomação/titulação fez com que os estudantes contatados enfatizassem mais a dimensão positiva da estadia no Brasil. Talvez por isso as experiências negativas tenham aparecido com menor ênfase. Ainda assim, alguns

estudantes estrangeiros reportaram-se não somente às situações de discriminação fora das universidades, mas também vividas no próprio ambiente acadêmico, lugar em que foram constrangidos e/ou perseguidos por outros estudantes, pessoal administrativo, professores e/ou por coordenadores de cursos. Experiências essas que sequer podem ser socializadas neste trabalho sob o risco de que a exposição dos envolvidos resulte em algum tipo de retaliação, sobretudo aos estudantes migrantes. Assim, resta o silêncio ético do pesquisador, tal qual o sigilo garantido à confissão feita a um sacerdote.

Por fim, importa dizer que, diferentemente dos demais migrantes, o governo brasileiro e a própria academia ainda sabem muito pouco sobre os estudantes estrangeiros. Esse contingente de moças e rapazes em movimento que não somente estuda, mas que consome uma grande variedade de produtos e serviços ao longo do tempo de residência no Brasil. Entende-se, assim, que cada pesquisa produzida sobre estudantes estrangeiros representa sempre um avanço, à medida que traz à tona elementos que ajudam a conhecer as particularidades desse segmento da população estrangeira no Brasil, a qual ocupa um lugar bem específico no universo das migrações no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ACNUR. **World at war**: global trends - forced displacement in 2014. Geneva, 2014. 55 p. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/556725e69.html>>. Acesso em: 3 set. 2017.

ALMEIDA, Gisele Maria Ribeiro de. O fluxo migratório Brasil-França na “era da mobilidade”. **Revista PerCursos**, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 62 - 94. jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724215282014062>>. Acesso em: 12 maio 2017.

ALTBACH, Philip G.; REISBERG, Liz; RUMBLEY, Laura E. (Org.). **Trends in Global Higher Education: Tracking an Academic Revolution**. Paris: UNESCO, 2009. Disponível em: <<http://www.uis.unesco.org/Library/Documents/trends-global-higher-education-2009-world-conference-en.pdf>>. Acesso: 11 jul. 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. reimp. São Paulo: Edições 70, 2016.

CASTLES, Stephen. **International migration at the beginning of the twenty-first century: global trends and issues**. **International Social Science Journal**, v. 52, n. 165, p. 269-281, Sep. 2000. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1468-2451.00258/pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

DANIEL, Camila. Mobilidade estudantil internacional como uma experiência migratória: o caso dos estudantes peruanos no Rio de Janeiro. In: PÓVOA NETO, Helion; SANTOS, Miriam de Oliveira; PETRUS, Regina (Org.). **Migrações: rumos, tendências e desafios**. Rio de Janeiro: PoloBooks, 2016. p. 305-328.

FERREIRA, Rubens da Silva. **Estudantes estrangeiros no Brasil: migrações, informação e produção de diferença**. 2017, 291 f. Tese (Doutorado) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

FRY, Peter. O que Cinderela negra tem a dizer sobre a “política” racial no Brasil. In: FRY, Peter.

A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 179-203.

GOMES, José Manoel Sita. **Estudantes na terra dos outros:** a experiência dos universitários angolanos da Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil. Belo Horizonte, 2002, 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2002. Disponível em: <www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/2120/1/tese.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2017.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. África, Portugal e Brasil: um novo triângulo das Bermudas? **Cadernos CERU**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 51-62, dez. 2012a. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/56877>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

_____. Africanos no Brasil, hoje: imigrantes, refugiados e estudantes. **Tomo**, n. 21, p. 13-36, 2012b. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/895/785>>. Acesso em: 4 ago. 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. **World migration report 2015:** migrants and cities - New partnership and to manage mobility. Geneva, 2015. Disponível em: <<https://www.iom.int/world-migration-report-2015>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

MEZZADRA, Sandro. Capitalismo, migraciones y luchas sociales: apuntes preliminares para una teoría de la autonomía de las migraciones. In: MEZZADRA, Sandro. **Derecho de fuga:** migraciones, ciudadanía y globalización. Madrid: Traficantes de Sueños, 2005. p. 143-157. Disponível em: <<http://www.traficantes.net/sites/default/files/pdfs/Derecho%20de%20fuga-TdS.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

_____. Multidões e migrações: a autonomia dos migrantes. Tradução de Leonora Corsini. **ECO-PÓS:** Revista do Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 70-107, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/900>. Acesso em: 10 set. 2017.

OJIMA, Ricardo *et al.* Migrações internacionais motivadas por estudo: uma análise sociodemográfica dos estudantes estrangeiros radicados no Brasil. **Revista PerCursos**, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 166-189, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724215282014166>>. Acesso: 14 set. 2017.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976. (Biblioteca Pioneira de ciências sociais. Sociologia).

QUACQUARELLI SYMOND. **Trends in international student mobility:** a comparative study of international student choices, motivations and expectations 2009-2013. London, 2014. Disponível em: <<http://www.topuniversities.com/student-info/qs-guides/trends-International-Student-Mobility-2014>>. Acesso em: 6 set. 2017.

REZENDE, Claudia Barcellos. **Retratos do estrangeiro:** identidade brasileira, subjetividade e emoção. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

SUBUHANA, Carlos. Estudantes moçambicanos no Rio de Janeiro, Brasil: sociabilidade e redes sociais. **Imaginário**, São Paulo, v. 13, n. 14, p. 321-355, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ima/article/view/42451>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

UNIVERSITY OF OXFORD. **International trends in higher education 2015**. Oxford, 2015. Disponível em: <<https://www.ox.ac.uk/sites/files/oxford/International%20Trends%20in%20Higher%20Education%202015.pdf>>. Acesso em: 7 set. 2017.

VINUTO, Juliana. Amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 44, n. 22, p. 203-220, ago./dez., 2014. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/download/2144/1637>>. Acesso em: 14 set. 2017.

SOBRE A ORGANIZADORA

LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE - Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2003), pós-graduação em Administração Pública pela Faculdade Padre João Bagozzi (2008) é Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2013), Doutora em Ciências Sociais Aplicadas pela UEPG. Assistente Social da Secretaria de Estado da Família e Desenvolvimento Social - Governo do Estado do Paraná, atualmente é chefe do Escritório Regional de Ponta Grossa da Secretaria de estado da Família e Desenvolvimento Social, membro da comissão regional de enfrentamento às violências contra crianças e adolescentes de Ponta Grossa. Atuando principalmente nos seguintes temas: criança e adolescente, medidas socioeducativas, serviços socioassistenciais, rede de proteção e política pública de assistência social.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Antropologia 18, 202, 203, 207, 208, 211, 212

C

Ciência 17, 72, 81, 97, 156, 247, 260

D

Direitos humanos 91, 180, 212, 262

E

Educação 36, 49, 52, 82, 85, 87, 89, 91, 94, 95, 120, 122, 123, 132, 134, 135, 136, 137, 141, 142, 143, 146, 148, 149, 152, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 170, 176, 177, 180, 181, 183, 184, 185, 189, 201, 236, 241, 242, 259, 260, 261, 263, 266

Empreendedor 106, 107, 114, 117, 120, 121

Estudantes estrangeiros 70, 81

Extensão universitária 84

G

Gestão democrática 170

I

Indígenas 202

J

Justiça 190, 191, 199, 224, 231, 245, 246, 248, 249, 257, 260, 263, 264, 267

M

Medicina 20, 52, 53, 54, 62, 137, 231, 233

P

Poliomielite 63, 65, 66, 67, 69

Programa bolsa permanência 181

R

Redução de danos 18

Robótica 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189

S

Saúde 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 31, 33, 34, 49, 52, 53, 54, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 76, 95, 97, 98, 104, 122, 126, 152, 231, 233, 234, 238, 239

Saúde mental 95, 104

Sustentabilidade 34, 90

T

Terapia cognitivo-comportamental 36

Transtornos específicos de aprendizagem 36

V

Vilipêndio 213, 216, 220

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-515-0



9 788572 475150